



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Obras há que, por natureza e exigência, são, e sempre serão, incompletas, ternas, e quase eternas, sem fim vislumbrado, mas com “inauguração” permanente, obras que requerem um esforço e discipulado efectivo e afectivo, implicador da totalidade do ser e existir, que atravessa múltiplas e todas as gerações, concretizando-se no rosto de um punhado de “doze” que se multiplica como as estrelas do céu ou como as areias das nossas praias, um ser “doze” com humanos nomes e olhares capazes de se compadecerem, como o Mestre da Galileia, de uma multidão imensa que vive e experimenta a fadiga, o cansaço, a desilusão e o abatimento, que requer um “pastor” próximo, solícito, compassivo e misericordioso, que a todos faça sentir a frescura de uma presença não só desejável como imperiosa, a beleza de um abraço que em todos concretize a certeza e a verdade do sentir-se amado e aceite, sem qualquer julgamento, condenação ou repreensão desnecessária.

Aqui, na obra do Reino, para todos há lugar e todos têm um lugar, porque, se há dois mil anos a seara era grande e os operários já eram poucos, aqui e agora, poucos continuam a sê-lo e a seara há muito que se transformou em “reino” onde o trigo e o joio crescem a olhos vistos.

A promessa foi de constituir um “Reino de sacerdotes”, não de padres, porque todos sacerdotes e padres apenas alguns! Quer num caso quer no outro, os “operários” continuam a ser poucos!

A promessa foi de fazer surgir uma “nação santa”, daí que tudo e todos “propriedade” e pertença do Deus de Israel. E canta-se que “ninguém é de ninguém” e que “quando alguém nasce... não é de ninguém”: mas nós somos de Deus!

E o “Reino” é de envio, um envio, primeiramente, às “ovelhas perdidas da casa de Israel”, mas teimamos em permanecer junto das “encontradas”, das cheirosas e perfumadas, das bem vestidas e “apeteceíveis”, das que ainda ousam permanecer no “redil”, mesmo que rotineiras e tradicionalistas! Preferimos uma pastoral de “engordá” do servir “repastos” a quem já tomou mais que as refeições aconselhadas, pensando ainda que “gordura é formosura”; preferimos a envolvimento da beleza dos nossos templos que o emaranhado da confusão das praças, ruas, casas e demais estados de vivência e permanência de tantos, o conforto de sacristias e demais espaços de reunião, ao invés do ir pelos caminhos proclamando que está perto o reino dos Céus. O envio foi para “curar os enfermos, ressuscitar os mortos, sarar os leprosos e expulsar os demónios” e tantas vezes, pensando jogar pelo seguro, temos medo de uma aproximação a estes e a estas realidades: nem de máscara e luvas! E os trabalhadores continuam a ser poucos! O Mestre recomendou que se pedisse ao Senhor da seara que mandasse trabalhadores para a sua seara! O Mestre pediu que se pedisse trabalhadores, sim, trabalhadores! Não confundamos nem reduzamos os “trabalhadores” aos padres, diáconos, religiosos e demais consagrados! Pois, é bem mais fácil rezar para que estes aumentem em número e santidade do que pedir que eu e cada um assumo o trabalho que lhe é devido.

Todos chamados e enviados, todos trabalhadores e se o dom é gratuito, se de graça recebemos, de graça devemos ser e agir!

Bem canta o padre Zezinho: “A decisão é tua. São muitos os convidados: Quase ninguém tem tempo!” E enquanto não tivermos tempo muitos serão como “ovelhas sem pastor”.

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

XI DOMINGO DO TEMPO COMUM - Ano A

1ª Leitura

Êxodo 19,2-6a

«Sereis para Mim um reino de sacerdotes, uma nação santa»

2ª Leitura

Romanos 5,6-11

«Se fomos reconciliados pela morte do Filho, com muito mais razão seremos salvos pela sua vida»

Evangelho

São Mateus 9,36-10,8

«Chamou os doze discípulos e enviou-os»



A Palavra que Deus nos oferece neste Domingo como alimento espiritual para a nossa vida, recordamos a presença constante de Deus no mundo e a vontade que Ele tem de oferecer aos homens, a cada passo, a sua vida e a sua salvação, no entanto, a intervenção de Deus na história humana concretiza-se através daqueles que Ele chama e envia, para serem sinais vivos do seu amor e testemunhas da sua bondade.

Na primeira leitura é-nos apresentado o Deus da “aliança”, que elege um Povo para com ele estabelecer laços de comunhão e de familiaridade; a esse Povo, Jahwéh confia uma

missão sacerdotal: Israel deve ser o Povo reservado para o serviço de Jahwéh, isto é, para ser um sinal de Deus no meio das outras nações.

O Evangelho apresenta-nos o “discurso da missão”. Nele, Mateus apresenta uma catequese sobre a escolha, o chamamento e o envio de “doze” discípulos, que representam a totalidade do Povo de Deus, a anunciar o “Reino”. Esses “doze” serão os continuadores da missão de Jesus e

deverão levar a proposta de salvação e de libertação que Deus fez aos homens em Jesus, a toda a terra. Jesus não chama apenas um grupo de “especialistas” para O seguir e para dar testemunho do “Reino”: É a totalidade do Povo de Deus (os “doze”) que é chamada e enviada, a fim de continuar a obra de Jesus no meio dos homens e anunciar-lhes o “Reino”. Qual é a missão dos discípulos de Jesus? É lutar objectivamente contra tudo aquilo que escraviza o homem e que o impede de ser feliz. Hoje há estruturas que geram guerra, violência, terror, morte: a missão dos discípulos de Jesus é contestá-las e desmontá-las; hoje há “valores” que geram escravidão, opressão, sofrimento: a missão dos discípulos de Jesus é recusá-los e denunciá-los; hoje há esquemas de exploração que geram miséria, marginalização, debilidade, exclusão: a missão dos discípulos de Jesus é combatê-los.

A segunda leitura sugere-nos que a comunidade dos discípulos é fundamentalmente uma comunidade de pessoas a quem Deus ama. A sua missão no mundo é dar testemunho do amor de Deus pelos homens - um amor eterno, inquebrável, gratuito e absolutamente único.

SABIAS QUE...



Sabias que se assinala, neste ano de 2020, os 800 anos da vocação franciscana de Santo António de Lisboa? Tendo-se comemorado, ontem, o dia da evocação de Santo António, nascido em Lisboa, entre 1191 e 1195, foi batizado com o nome de Fernando Martins de Bulhões e nesta cidade iniciou os seus estudos. Ainda muito jovem, partiu para Coimbra e ali, seguindo a Regra de Santo Agostinho, no

Mosteiro de Santa Cruz, formou-se ao mais alto nível nas ciências sagradas. Já franciscano, partiu com destino a África com a ânsia de anunciar o Evangelho, à semelhança dos cinco franciscanos que conhecera em Coimbra com o mesmo destino e que acabaram por passar novamente pela mesma cidade, na condição de mártires da fé. Acabou por chegar a Itália, tendo desenvolvido grande atividade de pregador

e professor de teologia, também no Sul de França. Morreu em Pádua em 1231, com generalizada fama de santidade e a canonização, pelo Papa Gregório IX, teve lugar no dia 30 de maio de 1232, fixando-se a festa litúrgica anual no dia 13 de junho. Dali a sua fama, devoção e culto foi crescendo e chegou a todo o mundo, onde é venerado como homem e como santo, sendo uma das personalidades mais marcantes da história de Portugal e da Igreja. Foi declarado Doutor da Igreja pelo Papa Pio XII, em 1946, num justo reconhecimento da sua condição de grande intelectual do seu tempo e da importância dos seus escritos para a formação cristã do Povo de Deus. Sejamos, pois, como Santo António, animados por esta fé que nos leva a colocar Deus e o Seu caminho como a prioridade das nossas vidas.

Fonte: jubileu2020.pt (nota pastoral relativa ao Jubileu de Santo António e dos Mártires de Marrocos)

POR CÁ

Missa Crismal no próximo Domingo



O bispo de Angra vai presidir às celebrações de renovação das promessas sacerdotais do clero diocesano durante este mês de Junho. A missa crismal, que deveria ter sido celebrada na Semana Santa, na qual os sacerdotes renovam as suas promessas, foi adiada devido ao confinamento e à suspensão das celebrações comunitárias na sequência da pandemia provocada pela Covid 19.

Assim, no próximo Domingo terá lugar a Missa Crismal e a celebração das datas jubilares dos sacerdotes, na Sé de Angra, às 18h00, na qual participará o clero da vigararia do Centro, isto é, ilhas Terceira, Graciosa e São Jorge.

No dia 23 de junho, às 11h00, na igreja matriz da Madalena, na ilha do Pico decorrerá a Missa onde serão renovadas as promessas sacerdotais do clero da vigararia do ocidente, que reúne as ilhas do Faial, Pico, Flores e Corvo e, no dia 25 de junho, os sacerdotes da vigara-

ria nascente- ilhas de São Miguel e Santa Maria- são convidados a renovar as suas promessas sacerdotais na igreja Matriz de Ponta Delgada, às 12h00.

“Embora deslocada do tempo próprio”, o bispo de Angra interpela todo o clero a participar neste momento festivo em nome de uma “comunhão com Deus e em presbitério”.

A missa crismal, presidida pelo bispo e concelebrada pelos presbíteros da diocese, é a celebração na qual se consagra o santo crisma (daqui vem o nome de “missa crismal”) e se abençoa também os demais óleos que serão usados nos enfermos e batismos.

Em geral, esta missa é celebrada na catedral de cada diocese, na Quinta-Feira Santa. Mas, por razões de conveniência pastoral, pode ser adiantada para outro dia da Semana Santa, ou neste caso concreto, para outra data por decisão da Santa Sé.

O rito da missa crismal inclui a renovação das promessas sacerdotais. Após a homilia, o bispo convida seus sacerdotes a renovar a sua consagração e dedicação a Cristo e à Igreja. Juntos, prometem solenemente unir-se mais a Cristo, ser ministros fiéis dele, ensinar e oferecer o santo sacrifício em seu nome, bem como conduzir outros a Ele.

Outro tema importante da missa crismal é o sacerdócio. Ao entregar o mistério da Eucaristia à Igreja, Jesus também instituiu o sacerdócio.

POR LÁ

Papa convida a imitar Santo António



de Lisboa, ao saber do martírio de cinco franciscanos, mortos por causa da fé cristã no Marrocos, decidiu “transformar a sua vida”.

O religioso deixou a sua terra e embarcou numa viagem, “símbolo do seu próprio caminho espiritual de conversão”, explica. “Primeiro foi para Marrocos, determinado a viver corajosamente o Evangelho nos passos dos franciscanos ali martirizados; depois desembarcou na Sicília, após um naufrágio nas costas da Itália, como acontece hoje com tantos dos nossos irmãos e irmãs”, escreve o pontífice.

O Papa considera que foi um “desígnio providencial de Deus” que levou António ao encontro de Francisco de Assis.

Fernando Martins de Bulhões nasceu, em Lisboa, por volta de 1195; depois de ter recebido a primeira instrução junto à Sé, aos 15 anos, entra no Mosteiro de São Vicente de Fora, onde prossegue a sua formação; ingressaria depois no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, sendo ordenado sacerdote, aos 25 anos.

Em fevereiro de 1220, chegam ao Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, as relíquias dos cinco missionários franciscanos que tinham sido martirizados, em Marrocos; o religioso troca o mosteiro de Santa Cruz pelo pobre ermitério de Santo Antão dos Olivais, muda de nome e assume o de António.

Ontem, dia 13 de Junho, a Igreja celebrou a Festa de Santo António, conhecido Santo português. Celebrando-se os 800 anos da vocação franciscana do santo português, o Papa Francisco convidou os católicos a imitar a vida de Santo António.

O Papa considera que a vida de António, “santo antigo, mas tão moderno”, ainda hoje pode “suscitar um generoso compromisso de doação, em sinal de fraternidade”: “É necessário ver o Senhor no rosto de cada irmão e irmã, oferecendo a todos consolação, esperança e a possibilidade de encontrar a Palavra de Deus sobre a qual ancorar a própria vida”, escreve.

Francisco recorda que há 800 anos, em Coimbra, o jovem Fernando, natural

ENTRE NÓS...

Ser radical no Amor é viver em Cristo e nos seus mandamentos do Amor

“Aproximou-se dele um escriba que os tinha ouvido discutir e, vendo que Jesus lhes tinha respondido bem, perguntou-lhe: «Qual é o primeiro de todos os mandamentos?» Jesus respondeu: «O primeiro é: Escuta, Israel: O Senhor nosso Deus é o único Senhor; amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças. O segundo é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior que estes.” Jesus deixou-nos, com os mandamentos do Amor, a definição do que é ser cristão, apresentando, igualmente, o projeto que tem para que cada um de nós possa ser feliz – amar a Deus e amar o próximo como a nós mesmos.

Parecendo simples e até fácil concretizar estes mandamentos, o mundo dos nossos dias tem-nos mostrado o

quão distante uma parte significativa da humanidade tem deles andado. Todos os dias somos inundados por notícias das quais sobressaem o ódio, a discórdia, a intolerância, a discriminação, a segregação, o racismo, a xenofobia.

Ser cristão não se compadece com as barreiras que qualquer corrente artística, política, literária define, ser cristão é viver animado pelo Amor de Deus, pelo sopro do Seu Espírito Santo que nos faz assumir esta procura pela imitação do caminho que Cristo nos mostrou e nos convida, dia após dia, a seguir.

Ser cristão é ser radical! Radical não na violência, não no apontar o dedo ao outro que falhou ou que é diferente... ser cristão é ser radical no Amor! E ser radical no amor é viver em Cristo e nos seus mandamentos do Amor em toda e qualquer altura das nossas vidas. So-

mos cristão no seio da nossa família, somos cristãos no grupo de amigos em que nos inserimos, no nosso trabalho, na nossa intervenção cívica, social e política. Ser cristão não é algo que se resume à celebração dos atos religiosos. Um cristão, um verdadeiro cristão é sempre, sempre cristão, no sentido em que todas as ocasiões são ocasiões onde a presença de Deus, onde o rosto de Deus pode e deve ser visível.

E nesta vivência radical do Amor de Deus que nos leva a amar o próximo como a nós mesmos, enquanto cristãos não podemos ficar calados e indiferentes aos choques sociais que, nos dias que correm, tornam o mundo num lugar onde os homens esquecem que são, eles próprios, irmãos em Cristo, filhos de um mesmo Deus que olha para nós como um Pai misericordioso perdoadando uma e outra vez, repetidamente. A radicalidade do Amor de Deus, dando-

nos a graça de sermos verdadeiramente misericordiosos, sobretudo para aqueles que fomentam o ódio e a discórdia entre os homens, impele-nos a lutar contra todas as formas de discriminação, enfatizando-se, pela sua atualidade, o racismo e a xenofobia.

Somos iguais, somos irmãos em Jesus Cristo, sejamos brancos, amarelos, pretos ou vermelhos. Aos olhos do Amor de Deus o que interessa é, precisamente, o amor que cada homem traz dentro de si. Nenhuma vida vale mais que a outra, todas as vidas contam, todos os homens são reflexo de Deus e do Seu Espírito.

Assim, a todos os cristãos cabe, como diz a oração, pedir a Deus que nos faça instrumentos da Sua Paz e do Seu Amor contribuindo para que todas as formas de discriminação, entre elas o racismo e a xenofobia, não mais se façam manifestar no mundo.